



CONFLITOS ARMADOS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES EM UMA COMUNIDADE CONFLAGRADA¹

Leonardo Carmo Santos²

Carlos Alberto Figueiredo da Silva³

RESUMO

Este texto analisa como professores de educação física de uma escola carioca em área de conflitos armados realizam suas práticas pedagógicas. Realizamos um estudo do tipo etnográfico, com observações participantes e entrevistas semi-estruturadas com três professoras de uma escola do Complexo do Alemão. Como resultado, as práticas pedagógicas se caracterizam pela redução de movimentos, calcadas no conceito de cultura escolar e o desenvolvimento da cultura corporal é prejudicado por isso.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Físicas; Prática pedagógica; Conflitos armados.

1 INTRODUÇÃO

Com a implantação da política de pacificação nos morros cariocas iniciada no ano de 2008, esperava-se a redução dos conflitos armados e de outros crimes, produzindo em toda cidade uma maior sensação de segurança (BUTELLI, 2015), porém isso parece não ter sido suficiente para diminuir o quantitativo de escolas afetadas por este problema. Do ano letivo de 2009 ao fim do de 2015, os dados apontam um salto de 13,6% para 19,7% dos alunos matriculados nas escolas municipais, atingindo 128.915 alunos afetados por estas dificuldades ao estudarem, indicando que este é um problema crescente nas escolas públicas cariocas (SME/RJ, 2016; O GLOBO, 2015).

O presente trabalho teve como objetivo observar e identificar como professores de Educação Física (EF) de uma escola em área de confrontos armados realizam suas práticas pedagógicas. Tivemos como questões a investigar como os conflitos na comunidade influenciam as aulas de Educação Física, e que práticas pedagógicas os professores de Educação Física adotam em suas aulas. Realizamos o estudo em uma escola do Complexo do Alemão, uma das regiões consideradas críticas no Rio de Janeiro (G1 RIO, 2017).

1 O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), lleonardosanttos@gmail.com

3 Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), ca.figueiredo@yahoo.com.br

1.2 A CULTURA CORPORAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A EF se caracteriza na escola pela difusão do que é conhecido como cultura corporal de movimento (SOARES, 1992). Para Darido e Rangel (2011) o conhecimento da EF trata da contextualização das manifestações corporais expressivas nas aulas, situando o indivíduo no mundo através do corpo. De acordo com Correia(2016), foi a partir do conceito de cultura vindo da área de ciências humanas que a EF ampliou seus horizontes teóricos.

1.3 O MOVIMENTO COMO ETHOS DA FAVELA: APROXIMAÇÕES COM A EF

Meirelles (2014) define a favela como movimento, onde as expressões culturais se alicerçam nas relações humanas. Essa ideia se fundamenta nos encontros entre as pessoas que compartilham seus espaços. Quando estão em lugares e situações onde a regra é de contenção de movimentos, as pessoas encontram dificuldades para se adaptarem. O autor cita o cinema, os condomínios e outros, como espaços de contenção que se chocam com o que denomina *ethos* de movimento da favela. Pensando a escola como instituição que se enquadra no padrão de conter movimentos (BOTO, 2014) o diálogo dado entre as duas parece ser ruidoso. Na EF temos uma situação aparentemente oposta. Sua cultura deseja movimento. Logo, pensamos que há afinidade com o *ethos* da favela.

1.4 A CULTURA ESCOLAR VOLTADA PARA OS CORPOS

A educação atua gerindo comportamentos baseados em protocolos repetidos e práticos que indiciam “ações e movimentos contidos no que compreendemos por vida escolar” (BOTO, 2014, p. 99). A cultura escolar trabalha através da apreensão de sentimentos, onde normas e regras instalam as ideias de tempo escolar, espaço e as práticas de estetização, que Milstein e Mendes (2010) entendem sob o viés da rotina escolar, onde o trabalho pedagógico está sempre relacionado ao corpo.

1.5 O TRABALHO PEDAGÓGICO EM FAVELAS

Para Monteiro (2015), a prática pedagógica na escola da favela é conduzida pela cultura local. Resultados semelhantes são encontrados para aulas de EF em Sanchonete e Molina Neto (2010).A escola ainda precisa considerar a disputa com outros fatores influenciadores como a carência estrutural, e as visões éticas (MONTEIRO, 2015;SILVA, 2012) na concorrência com outras culturas locais, como o caso do tráfico de drogas, uma das referências centrais nas favelas (BURGOS, 2011), que pode ter um *status* ‘positivo’ para jovens (MONTEIRO, 2015; ZALUAR; BARCELLOS, 2013).

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa de caracteriza como qualitativa e a metodologia adotada teve como referência estudos do tipo etnográfico (ANDRÉ, 2012). Perfizemos um total de quatro meses de observações participantes (ANGROSINO, 2009) em uma escola do Complexo do Alemão, um conjunto de favelas localizado no subúrbio carioca, de julho à novembro de 2015.

A coleta e análise de dados foram realizadas de dois modos: a) Observações participantes nas aulas, utilizando o diário de campo como instrumento, e; b) entrevistas semi-estruturadas com as três professoras da escola observada. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Salgado de Oliveira, parecer 1.107.805.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ALUNOS AGITADOS: UMA CATEGORIA QUE EMERGE DO COTIDIANO

As professoras dizem que o comportamento de *agitação* dos alunos se intensifica e a atenção deles se dispersa como consequência dos conflitos. O sono e o estresse por terem ouvido tiros por toda a noite são mencionados como exemplos de causas para mudança de comportamentos, e que os alunos não conseguirão se concentrar em uma atividade que não foi escolhida por eles. As professoras dizem que isso prejudica sua aula, de forma que é preciso modificar as atividades propostas.

3.2 ESTRATÉGIAS PARA “DRIBLAR” O CONFLITO: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Encontramos quatro tendências. A seguir, nossas impressões acerca das observações e entrevistas.

Alta rotatividade de atividades

As professoras realizavam a troca das atividades rapidamente como tentativa de retomar a atenção dos alunos para as brincadeiras e exercícios, atendendo a muitos, e estas eram controladas pelas professoras. Se a *agitação* dos alunos não cessasse, a mudança rápida os pressionava a prestarem atenção, sob pena de não entenderem a brincadeira que participavam. Isso visava garantir a retomada da concentração dos alunos, reduzir o barulho, e as brigas. Chegamos a registrar a perda de até 65 dos 100 minutos de aula, representa no 65% do tempo disponível.

Mudança de objetivos específicos do planejamento para atividades com menos movimentos

Caracteriza-se pela escolha de atividades mais amenas. Nota-se a intenção de iniciar um processo de descentralização da atenção dos alunos oferecendo propostas de jogos e brinquedos em estações. A estratégia é a opção pela redução dos movimentos corporais após a primeira não ter dado certo. Correr era uma atividade indesejada. As atividades, geralmente são

Tênis de mesa, mini-trampolim, corda, totó, futebol de botão, jogos de tabuleiro, peças tipo lego, “badminton” e futebol de peteleco. A professora disse que elas duas estão tentando essa estratégia de colocar atividades “numerosas e amenas” espalhadas pela quadra, como uma tentativa de deixá-los mais calmos (DIÁRIO DE CAMPO, 04/09/2015, p. 44)

As escolhas das professoras mostram a preocupação de usar uma brincadeira para aumentar a contenção de movimentos. Na maioria das atividades descritas, o movimento é possível, mas são praticamente estacionários.

A liberdade de escolha das atividades pelos discentes

A diferença entre esta e a última está na quase total liberdade de escolha das atividades pelos alunos. Como característica principal, os alunos ou a professora buscavam os materiais que gostariam de usar na aula e se distribuíam pelo espaço de EF. A professora supervisionava as atividades e não as direcionava. Segundo Luckesi (1994), as características desse tipo de aula se enquadram no modelo de autogestão. Os alunos podiam escolher o que e, praticamente, como fazer, desde que não se colocassem em perigo, nem aos colegas.

Nos pareceu que a motivação da escolha tem dois elementos: o principal, manter o controle da turma, mesmo que mínimo, e também, que eram ‘vencidas pelo cansaço’.

Controle dos corpos

Nesta última mudança, as professoras de EF se aproximam mais do conceito de ordem e disciplina escolar (MILSTEIN; MENDES, 2010), mediante o controle dos movimentos corporais. Com a estratégia de autogestão mal sucedida, volta-se à tendência de reduzir os movimentos, agora de forma mais drástica.

A aula volta a ser concentrada exclusivamente na figura do professor. A preferência é que os alunos brinquem sentados. As brincadeiras são do tipo ‘passa o anel’, ‘telefone sem fio’, ‘galinha-choca’ e que tais. Diferente das outras estratégias, nesta, correr é proibido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a cultura corporal a expressão da educação física na escola, tendo em sua essência o movimento humano, a redução das possibilidades de movimento oportuniza menos experiências que apresentem e desenvolvam a EF. No diálogo com as consequências dos conflitos armados, os conteúdos da EF ficam prejudicados quando são suspensos para tentar a retomada do estado original das aulas.

Entendemos que as práticas pedagógicas das professoras se afastavam dos pressupostos da cultura corporal e se aproximavam cada vez mais do conceito de cultura escolar na medida em que as dificuldades provenientes dos confrontos armados apareciam, e são utilizadas com a ideia de adequação das crianças às regras, e não a transformação destas para a realidade cultural dos alunos nas aulas de EF.

ARMED CONFLICTS AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF THE TEACHERS OF A SLUM IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT: This paper aims at analyzing how physical education teachers who work near to armed conflict zones perform their own pedagogical practices. It has the ethnographic studies as reference, with participant observations and semi-structured interviews. The results indicate the decrease of the students' movements as a pedagogical practice.

KEYWORDS: Physical education; Pedagogical practice; Armed conflicts.

CONFLICTOS ARMADOS Y EDUCACIÓN FÍSICA: LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA DE LOS MAESTROS EN UNA FAVELA DE RIO DE JANEIRO

RESUMEN: Este texto analiza como los maestros de educación física que trabajan en escuela subicadas en zonas de conflictos armados llevan a cabo sus prácticas pedagógicas. Realizamos um

estudio etnográfico com observaciones participantes y entrevistas semiestructuradas. Se resultó que sus prácticas se dan por reducir los movimientos de sus alumnos.

PALABRAS CLAVE: *Educación física; Práctica pedagógica; Conflictos armados.*

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. 18.ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed, 2009.
- BOTO, C. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **História da Educação**, 2014; 18 (44): 99-127.
- BURGOS, MB. O efeito UPP na percepção dos moradores das favelas. **Desing & Diver - Rev Ciên Soc** PUC-Rio 2011; 11: p. 49-98.
- BUTELLI, P. H. **Avaliação do impacto de políticas de segurança**: o caso das Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro. [Tese de Doutorado em Economia]. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Escola de Pós-Graduação em Economia, 2015.
- CORREIA, WR. **Educação Física escolar**: o currículo como oportunidade histórica. **Rev Bra Ed Fís Esp**. 2016; 30(3): p. 831-836.
- DARIDO, S, RANGEL, I. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- G1RIO, 2017. **Alemão, no Rio, tem maior número de tiroteios registrados em App**. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/alemao-no-rio-tem-maior-numero-de-tiroteios-registrados-em-app.ghtml>>, acesso em 20 de Fevereiro de 2017.
- LUCKESI, C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MEIRELLES, R. **Um país chamado favela**: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Gente; 2014.
- MILSTEIN, D, MENDES, H. **Escola, corpo e cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MONTEIRO, A. **A prática pedagógica no cotidiano de uma escola da favela**. Jundiaí: Paco, 2015.
- O GLOBO [Internet]. **O futuro na linha de tiro** [acesso em 29/11/2015]. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/rio/o-futuro-na-linha-do-tiro-18160985>>.
- SANCHONETE, MU, MOLINA NETO, V. Práticas pedagógicas: entre a reprodução e a reflexão. **Rev Bra Ciên Esp** 2010; 31(3): p.59-78.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SME/RJ). Prefeitura do Rio de Janeiro. **Escolas fechadas por problemas na comunidade**. Processo nº: 07/008721/2016. p.9-14.
- SILVA, RT. **Escola-favela e favela-escola**: “esse menino não tem jeito!”. Petrópolis: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ZALUAR, A, BARCELLOS, C. Mortes prematuras e conflito armado nas favelas do Rio de Janeiro. **Rev Bra CiênSoc** 2013; 28(81): p.17-31.